

Norbert Elias e a psicanálise: envolvimento e alienações.

André Oliveira Costa¹

Norbert Elias and psychoanalysis: involvements and detachments

Abstract

This article presents the influence of Sigmund Freud's psychoanalysis on Norbert Elias's thought, recognized by the sociologist himself, demonstrating that the body acts as an articulating element on the relationship between individual and society. However, N. Elias was also a critic of Freudian work, intending to go beyond it. We identify, however, that certain elements of civilizing process theory were already present in Freud's understanding of social processes.

Keywords: civilizing process; individual; society; drive

Resumo

Este artigo apresenta a influência da psicanálise de Sigmund Freud no pensamento de Norbert Elias, reconhecida pelo próprio sociólogo, demonstrando que o corpo atua como elemento articulador da relação entre indivíduo e sociedade. N. Elias também foi um crítico da obra freudiana, pretendendo ir mais além dela. Identificamos, contudo, que certos elementos da teoria sobre o processo civilizador já estavam presentes na compreensão de Freud sobre os processos sociais.

Palavras-chave: processo civilizador; indivíduo; sociedade; pulsão

1 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. Email: androlicos@gmail.com

INTRODUÇÃO

A influência da psicanálise de Sigmund Freud na obra de Norbert Elias é notória e reconhecida pelo próprio sociólogo, conforme vemos numa entrevista de 1985 ao jornal francês *Libération*: “Sem Freud, eu não teria podido escrever o que eu escrevi. Sua teoria foi essencial para meu trabalho e todos seus conceitos (eu, supereu, libido, etc.) são para mim muito familiares” (Elias, 1985/2000, p. 93). Contudo, essa é uma relação marcada por traços de ambiguidade. Se, por um lado, o sociólogo se voltou para os principais conceitos freudianos para sustentar sua tese sobre o processo civilizador, por outro lado ele não se furtou a tecer críticas à psicanálise enquanto um pensamento derivado do paradigma da ciência moderna. Elias, porém, está bem mais próximo de Freud do que ele por vezes chega a reconhecer.

Valemo-nos dos termos “envolvimento” e “alienação” (Elias, 1983/1998) como operadores metodológicos que possibilitam compreender os movimentos de aproximação e afastamento de Elias ao pensamento de Freud. Por “envolvimento”, consideramos o compromisso e a implicação do pesquisador com seu objeto de estudo e análise. Sua direção lança os interesses do indivíduo à apropriação de um determinado objeto, sustentando o enredamento do desejo de Elias sobre o pensamento de Freud. Por “alienação”, entendemos o afastamento de concepções padronizadas e das emoções implicadas nos fatos, para melhor conhecê-los, sem deixar-se afetar por promessas utópicas e conclusões idealizadas. A alienação é o movimento que permite N. Elias ir além da obra de S. Freud, revendo seus conceitos fundamentais e produzindo conhecimentos inéditos e inovadores.

Algumas críticas que Elias (1990/2010) estabelece à psicanálise freudiana, afirmando que a teoria do inconsciente se baseia na antinomia entre indivíduo e sociedade e que pensa as estruturas psíquicas de forma universal e a-histórica, parecem não se sustentar quando entramos com mais profundidade no texto freudiano. As investigações freudianas, no objetivo de ultrapassar o dualismo entre indivíduo e sociedade, pensam o indivíduo em relação com a sociedade e as estruturas sociais também como formações do inconsciente. As instituições sociais, dessa forma, carregam consigo as ambivalências de amor e ódio, transmitindo os restos pulsionais que não se inscrevem nos laços sociais. Assim, vamos ver como, tanto para Elias quanto para Freud, indivíduo e sociedade são duas faces de uma mesma moeda, formando uma estrutura onde o corpo se coloca como o elemento articulador da relação.

Durante seus anos de formação, no início da década de 1930, N. Elias (2016; 1990/2001) sofreu influência de duas importantes instituições alemãs que incentivaram a ambição de suas pesquisas sociais. Trabalhando no departamento de Sociologia da Universidade de Frankfurt, viu-se diante de um contexto que fomentava a reflexão intelectual, o debate teórico, a revisão crítica dos pensamen-

tos canônicos da sociologia (Joly, 2012). Sua pesquisa estava próxima do Instituto Psicanalítico de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, dirigido por Max Horkheimer, que deu origem à conhecida Escola de Frankfurt. Nesse período, Elias teve liberdade para trabalhar de forma inovadora e criativa, e avançou uma proposta sociológica que incluía tanto as dinâmicas sociais, quanto os processos psíquicos inconscientes (Heinich, 2001). Assim, ele se colocava diante do projeto de pensar a psicanálise de Freud à luz dos processos sociais, ao mesmo tempo que abordava criticamente a tradição teórica da sociologia, incluindo os processos subjetivos em seus pressupostos.

Como podemos pensar a relação entre indivíduo e sociedade? O indivíduo é influenciado pelas mudanças da sociedade ou, pelo contrário, a sociedade é produzida pelos atos singulares de cada pessoa? São termos independentes e autônomos ou influenciam-se mutuamente? O pensamento de Norbert Elias permite lançar respostas para essas perguntas ao buscar resolver a dicotomia entre indivíduo e sociedade. Para o sociólogo, mais do que termos separados, o que adquire relevância é a articulação que se estabelece entre eles. Para ultrapassar o abismo que o pensamento moderno construiu entre indivíduo e sociedade (Joly, 2016), sem cair em uma estrutura totalizada, devemos considerar ao menos um elemento em comum entre eles: o corpo. A hipótese que desenvolvemos neste trabalho é que o corpo é o elemento que articula a relação entre indivíduo e sociedade, produzindo um espaço no *entre* eles. E, nesse meio termo, desde o ponto de vista da psicanálise freudiana e da sociologia eliasiana, a pulsão surge como uma energia em constante movimento, impedindo que essa estrutura se torne uma relação totalizada.

O CORPO COMO ARTICULADOR DA RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE

Em carta enviada a Walter Benjamin, no dia 17 de abril de 1938, em que solicitava ao filósofo alemão uma resenha da obra *O processo civilizador*, Elias resume sua perspectiva sobre qual o papel que a sociologia deveria assumir como ciência que produz investigações não apenas sobre as estruturas das sociedades, mas também sobre as estruturas da personalidade dos indivíduos: “Frente a nós”, afirma Elias, “encontra-se a tarefa mais positiva de tornar acessível ao nosso entendimento a ordem da transformação histórica do psíquico” (Elias, *apud* Waizbord, 1998, p. 178). Nessa perspectiva, de acordo com Bernard Lahire, N. Elias pode ser considerado “o mais freudiano dos sociólogos” (2012, p. 188). A psicanálise aparece como um dos pilares de sua teoria, a ponto de que foi para Freud que o sociólogo enviou o primeiro exemplar de *O processo civilizador*, livro onde também deixa clara a importância da obra

do pai da psicanálise para suas pesquisas: “Neste particular, dificilmente precisa ser dito, mas talvez valha a pena enfatizar explicitamente, o quanto este estudo deve às descobertas de Freud e da escola psicanalítica” (Elias, 1939/1990, p. 263).

As pesquisas de Norbert Elias sobre o processo civilizador aderem a uma metodologia próxima ao método clínico da psicanálise de investigação dos sintomas psíquicos. Elas se voltam para temas que não se mostram de forma evidente aos olhos de qualquer pesquisador, já que, em princípio, não seriam dignos de interesse científico. Não se preocupam com grandes revoluções históricas e sociais, mas com pequenas mudanças ordinárias. Não dão destaques para novas teorias sociológicas e filosóficas, mas para manuais de etiqueta, livros de literatura e de poesia. Não se resumem à discussão de conceitos e ideias, mas se lançam para os hábitos da vida cotidiana dos indivíduos.

Em *O processo civilizador*, por exemplo, N. Elias investiga a função psíquica e social do uso de talheres, como garfos e facas, pelos membros da sociedade de corte para se poderem diferenciar de outras classes sociais. Hábitos e comportamentos, que buscavam o controle das pulsões, das expressões afetivas e corporais, serviam para estabelecer diferenciações sociais, a aristocracia e a burguesia. Os primeiros detinham o poder e os privilégios econômicos, enquanto os segundos deveriam fornecer, pela força de seu trabalho, os privilégios econômicos da nobreza, sem nunca ascender às classes mais elevadas. As portas de cima deveriam sempre estar abertas, enquanto as de baixo, deveriam sempre estar fechadas.

O envolvimento de Elias com a teoria freudiana, contudo, não é fácil de delimitar. De acordo com Delzescaux (2016), onde Freud buscava compreender os mistérios da formação das estruturas psíquicas dos indivíduos investigando os destinos das pulsões, Elias pretendia compreender os mistérios das regulações sociais dos afetos e das pulsões no processo de formação das diferentes sociedades ao longo dos séculos. Afirma a autora:

Em outros termos, lá onde o psiquiatra Freud, se apoiando sobre a clínica, buscava compreender em sua unicidade e singularidade o processo de estruturação psíquica da criança que se torna adulta, o papel nodal conferido pelo Complexo de Édipo, encontrando aí um de seus encoramentos, o sociólogo Elias, se apoiando sobre a análise sociogenética e psicogenética das normas sociais de comportamento, procura compreender em sua dimensão propriamente social e historicizada o processo de autorregulação pelo qual passa o indivíduo socializado (p. 85).

As investigações de S. Freud em relação à psique humana colocaram em evidência a natureza processual do desenvolvimento da criança, interiorizando regras de comportamento através da formação das instâncias psíquicas como supereu,

ideal de eu e eu. A teorização de Elias, baseando-se nas proposições da psicanálise, buscou compreender por que e como, de acordo com as diferentes épocas e sociedades, os indivíduos se constituem em grupos, formando as diferentes imagens de “eu” e de “nós”.

Nesse sentido, é possível remeter-se ao clássico artigo de N. Elias, *Mudanças na balança Nós-Eu*, onde afirma: “Não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós” (1987a/1994, p. 152). Nesse artigo, Elias desenvolve, em uma análise histórica e social de longo prazo, como foram se modificando as configurações entre indivíduo e sociedade. Em certos estágios de desenvolvimento social, como na Antiguidade, o indivíduo era muito mais próximo ao grupo em que nascia. O sentimento de pertença à família, à tribo ou ao Estado e o peso que as configurações sociais tinham na formação de sua identidade eram muito maior do que na Modernidade. O indivíduo era, antes de tudo, um membro de uma coletividade e a identidade social era fundamental para a formação de sua identidade individual. A tendência do longo processo civilizador é aumentar o grau de individualização, afastando o indivíduo da tradição dos laços sociais e instituindo-o como um ser autônomo, responsável pela construção de seu próprio caminho.

As pesquisas de Norbert Elias o fizeram ir mais além de S. Freud, mas também mais além das ciências sociais. “É bem possível que sempre tenha havido neuroses”, afirma o sociólogo. “Mas as ‘neuroses’ que vemos hoje por toda a parte são uma forma histórica específica de conflito que precisa de uma elucidação psicogenética e sociogenética” (1939/1993, p. 153). Elas foram tentativas de pensar os efeitos das mudanças das estruturas sociais nas estruturas da personalidade, assim como os efeitos nas estruturas sociais das transformações das estruturas psíquicas. Entre outras, seu projeto pode ser visto como uma genealogia social do supereu, do eu e do isso, pois não é possível determinar, conforme aponta Elias (1939/1993), a existência de um supereu feudal ou um supereu da sociedade de corte. Tal como afirmou na entrevista ao jornal francês citado anteriormente, o que ele pretendia era “compreender como e porque emergiu progressivamente a estrutura da personalidade que é descrita por Freud” (Elias, 1985/2000, p. 94).

O projeto inicial de N. Elias se apresenta na forma de pergunta logo nas primeiras páginas de seu artigo *A Sociedade dos Indivíduos*: “Mas e se uma compreensão melhor da relação entre indivíduo e sociedade só pudesse ser atingida pelo rompimento dessa alternativa ou isto/ou aquilo, desarticulando a antítese cristalizada?” (Elias, 1987b/1994, p. 18). Assumir uma posição na dicotomia entre indivíduo e sociedade torna difícil evitar o apagamento do termo oposto. Por um lado, teríamos uma concepção elementar do indivíduo como uma unidade isolada de qualquer relação que possa estabelecer com outros; por outro, uma posição holística da sociedade,

que pensa as estruturas sociais como entidades supra-individuais, dizendo respeito apenas ao que é de todos e para todos. Para Elias, portanto, é impossível pensar os indivíduos como dissociados da relação com os outros, assim como não podemos conceber a sociedade como resultante de um agrupamento de seus membros. Não há dissociação entre indivíduo e sociedade.

Em sua obra mais conhecida, *O processo civilizador*, Elias começa pesquisando situações banais do dia-a-dia, tal como os modos de se comportar à mesa, a maneira de usar garfo, colher, guardanapos, prato. Comportamentos que aparentemente são considerados naturais foram construídos pouco a pouco por coação das pessoas que estão ao redor. Também estão em suas investigações os hábitos de fungar, cuspir e assoar-se; os cerimoniais para dormir e a exposição do corpo aos olhos dos outros; e o nível de agressividade entre as diferentes sociedades. O corpo é o elemento de imbricação da relação entre o indivíduo e a sociedade, como uma dobradiça que articula duas estruturas.

Através da análise da transição das sociedades feudais para a formação dos Estados modernos, N. Elias (1939/1990, 1939/1993) demonstra os efeitos das mudanças das estruturas sociais nas estruturas da personalidade. Quer dizer, como as pessoas começaram a regular seus comportamentos e afetos, moldados pelo olhar dos outros, pelas regras de etiqueta e pela pressão social. Associando-se ao que S. Freud, em *O recalçamento* (1915/2003), elaborou sobre o conceito de recalçamento, o processo civilizador de Elias marca a internalização psíquica, de forma inconsciente, por cada indivíduo, das regras e normas sociais que anteriormente agiam desde o mundo exterior. Isto é, uma coerção que existia externamente passa a funcionar como coerção psíquica. Os comportamentos que antes eram regulados por regras sociais se repetem na forma de hábitos e costumes. E os conflitos que antes se manifestavam com o mundo externo foram deslocados para os bastidores da vida psíquica e passaram a agir contra o indivíduo na forma de conflitos internos, com os outros e com seu próprio corpo.

O processo civilizador tem como efeito a regulação da economia psíquica através da formação de mecanismos de autocontrole dos comportamentos, das pulsões e das emoções. O compartilhamento coletivo da intimidade vai sendo pouco a pouco deslocado para detrás da cortina da consciência, quando o indivíduo se encontra em presença dos outros. Uma parede invisível vai sendo criada entre os indivíduos e os corpos. Tudo o que tem a ver com o corpo e suas funções, que em determinada época sofria pouco controle e isolamento social, vai sendo transferido para o âmbito da vida privada, escondido do alcance dos olhos, do nariz e da boca. Em estruturas sociais nas quais os laços são menos complexos e mais indiferenciados, os indivíduos agem de maneira mais espontânea e, por isso, não precisam criar uma resposta neurótica para os conflitos com a sociedade.

Assim, para Elias, não podemos falar do supereu como uma instância imutável que pode ser encontrada em todos os indivíduos ao longo dos diferentes tempos históricos. Ao contrário, devemos considerar que o processo de formação das instâncias psíquicas acompanha o processo de civilização das sociedades (Delzescaux, 2007). O supereu é social, o eu é social e as pulsões são sociais. Isso não significa, porém, que elas possam ter suas origens determinadas em algum momento específico da história. Há uma transformação no uso que as sociedades fazem desses elementos psíquicos, pois elas não funcionam da mesma maneira em relação ao autocontrole e ao supereu, e dão diferentes destinos para as pulsões, por exemplo.

O que muda ao longo do processo civilizador não é a presença ou ausência de disciplina, mas a balança da relação entre as coerções externas e as coerções internas, assim como o tipo de autodisciplina e seu modo de integração. Os critérios de Elias para compreender o processo civilizador, como aponta Stephen Mennell (1998), se sustentam na direção de um padrão social de comportamentos e sentimentos que possibilitem um autocontrole mais estável e diferenciado, assim como o aumento da identificação mútua entre as pessoas. Isso se efetiva através de uma série de fatores, como a intensificação dos mecanismos psíquicos de controle das pulsões, a ampliação da previsibilidade dos comportamentos, a elevação do limiar dos sentimentos de vergonha e repugnância e a diminuição do contraste das emoções.

A partir da análise da sociogênese do Estado moderno, N. Elias (1939/1993) apresenta o conceito de processo civilizador analisando a passagem histórica entre os padrões de hábitos cavalheirescos nas cortes feudais e os comportamentos dos cortesãos das monarquias absolutistas. De acordo com Tatiana Landini (2006):

O que está em jogo quando falamos na motivação da mudança (ou seja, por que há mudança) é que, em relação aos costumes, a transformação ocorre a partir da dinâmica das classes sociais. A fim de distanciar-se das outras classes sociais, a classe superior cria novos padrões de comportamentos, padrões esses que, com o passar do tempo, são adotados pelas outras classes (p. 94).

As transformações dos padrões de comportamento vão formando hábitos próprios de cada grupo social. Elas são pouco a pouco estabelecidas como maneiras e costumes repetidos de forma inconsciente, formando o que N. Elias (1939/1990, 1939/1993) chama de *habitus*, isto é, uma “segunda natureza” ou um “saber social incorporado”. Trata-se de uma transformação das estruturas da sociedade que produzem mudanças na estrutura da personalidade e na economia psíquica dos indivíduos. Delzescaux (2001) mostra, de acordo com as influências de Elias, quais as principais condições que possibilitaram a formação das estruturas sociais e das estruturas psíquicas do homem moderno: de um lado, conforme o pensamento de

Karl Marx (1867/2013), a centralização econômica, que permitiu a um único poder assumir o controle de tributos e impostos; por outro, seguindo a posição de Max Weber (1905/2004), o monopólio da violência, que atribuiu a supremacia militar à decisão de um ou de poucos homens. O pensamento de S. Freud surge como uma referência fundamental para Elias ao possibilitar compreender que as transformações sociais se preservam de forma inconsciente na estrutura psíquica dos indivíduos.

A civilização da conduta, bem como a transformação da consciência humana e da composição da libido que lhe correspondem, não podem ser compreendidas sem um estudo do processo de transformação do Estado e, no seu interior, do processo de centralização da sociedade (Elias, 1939/1993, p. 19)

O controle sobre a violência passou das mãos de todos para o monopólio de um, nas figuras dos príncipes ou dos reis. Essa reorganização social foi acompanhada de transformações na dinâmica econômica da personalidade, formando uma racionalidade própria da sociedade de corte, como já apontava Elias em sua obra *A sociedade de corte* (1969/1996). O aumento da diferenciação entre os indivíduos, a complexificação de suas funções sociais, a crescente interdependência que se estabelecia entre eles, o maior grau de individuação, todas essas mudanças fizeram com que cada pessoa fosse compelida a controlar seu comportamento e suas reações afetivas para agir de uma forma mais estável e previsível. Foram se formando mecanismos de controle de si e dos outros que buscavam prevenir qualquer tipo de transgressão do comportamento. O controle da violência pelo Estado possibilitou a formação de laços sociais mais pacíficos, livres de ameaças inesperadas contra a vida e contra a integridade dos indivíduos.

O mecanismo de controle da sociedade corresponde ao controle da economia psíquica dos indivíduos. O monopólio da violência durante a formação dos Estados modernos acarretou no aumento do controle social e na interdependência entre os indivíduos, produziu um maior “civilizar” da economia das pulsões e dos comportamentos, uma maior contenção e regulação dos anseios elementares. As configurações das sociedades de corte foram atenuadoras das mudanças repentinas de humor e pacificadoras dos laços sociais. O Estado moderno teve um papel centralizador e controlador das irrupções explosivas das pulsões e dos sentimentos.

A PSICANÁLISE E O PROCESSO CIVILIZADOR

Norbert Elias foi um leitor da obra de Sigmund Freud, especialmente do que se conhece como a segunda tópica freudiana, apresentada no texto *O eu e o isso*

(1923/2003), segundo a qual o aparelho psíquico é organizado nas instâncias do eu, do supereu e do isso. Foi fundamental para o desenvolvimento da tese sobre o processo civilizador a apropriação desta nova proposição do aparelho psíquico, no que se refere principalmente ao supereu como instância decorrente das primeiras identificações familiares e da internalização das regras sociais, e do eu como unidade de representações que escoo e transforma as pulsões para diferentes destinos. Elias também se apropria dos mecanismos de defesa, como recalçamento e sublimação, que, nessa reviravolta teórica, passam a ser funções exercidas pelo eu. Suas pesquisas sobre a prática de esportes (Elias & Dunning, 1985), por exemplo, falam desses diferentes destinos das pulsões resultados do processo civilizador.

Norbert Elias se baseou na reformulação metapsicológica de 1923, quando S. Freud reviu a antiga divisão psíquica entre consciente, inconsciente e pré-consciente. Essa transformação da teoria psicanalítica resultou do reconhecimento de que era preciso atribuir duas qualidades opostas, consciente e inconsciente, a uma mesma instância psíquica. Quer dizer, o eu e o supereu também possuem elementos inconscientes. Além disso, a reformulação que a tópica freudiana sofreu foi efeito das mudanças da teoria das pulsões. A partir de 1920, um novo dualismo pulsional, entre pulsão de vida e pulsão de morte, passou a determinar os princípios do aparelho psíquico e a re-situar as relações de dependência entre suas instâncias. O eu, para Freud, não é uma instância psíquica que representa a consciência autônoma e independente, mas se caracteriza por sua submissão diante das exigências de três diferentes senhores: os desejos do isso, a violência do supereu e as restrições do mundo externo.

Nesse sentido, o modo como N. Elias se apropria da teoria freudiana parece justificar as críticas que ele tece a certas escolhas metodológicas adotadas por S. Freud. Quando o sociólogo busca historicizar o pensamento de Freud, ele o faz pensando que as instâncias psíquicas fossem fechadas em si mesmas, estáticas e acabadas. Para Elias, a transformação do modelo freudiano de adjetivo para substantivo – quando os termos inconsciente e consciente deixam de ser entidades para serem qualidades, ou seja, na transição da primeira para a segunda tópica – levou-o a pensar que “deve ser possível apresentar os resultados de Freud sem necessariamente recorrer à expressão ‘o’ inconsciente” (1990/2010, p. 171). Contudo, pensamos que a metapsicologia freudiana também transita pelo mesmo objetivo do sociólogo em não se comprometer com um tipo de pensamento marcado pela ruptura entre indivíduo e sociedade. A existência de uma imbricação entre indivíduo e sociedade, porém, não exclui a dimensão conflituosa dessa relação, efeito da separação entre esses termos construída pelo processo civilizador na formação das sociedades modernas.

Já nos primeiros tratamentos das histéricas, por exemplo, S. Freud mostrou que a produção dos sintomas neuróticos apontava para um conflito psíquico entre os desejos inconscientes e as exigências da sociedade. Tomamos três citações de

diferentes momentos de sua obra. Em 1906, no texto *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud afirma: “buscar a etiologia das neuroses exclusivamente na hereditariedade ou na constituição seria tão unilateral quanto pretender atribuir essa etiologia unicamente às influências acidentais que atuam sobre a sexualidade durante a vida” (1906/2003, p. 1241). Em 1912, em *Tipos de desencadeamento da neurose*, ele sustenta: “a psicanálise alertou-nos de que devemos abandonar o contraste infrutífero entre fatores externos e internos, entre destino e constituição” (1912/2003, p. 1722). E, em 1921, no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, encontramos uma das passagens mais conhecidas sobre esse debate:

O contraste entre psicologia individual e psicologia social ou de massa perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. (...) apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social (1921/2003, p. 2563).

As críticas de Elias sobre a teoria de Freud recaem sobre o psicanalista ter atribuído um “valor universal a um tipo dado e datado de estrutura da personalidade” (Elias, 1985/2000, p. 94). Freud teria formulado, para Elias, um conceito de indivíduo fechado que não considera as transformações e as mudanças pelas quais passaram as diferentes formações sociais ao longo das diferentes épocas. A partir desse reconhecimento de limitações da teoria psicanalítica, N. Elias projetava “ir para além de Freud” (1985/2000, p. 93). Isso não significa, contudo, que o projeto eliasiano deve ser compreendido como um aprimoramento do pensamento de Freud, mas que, como vimos, a psicanálise deve ser situada dentro de uma perspectiva histórica e social.

O primeiro texto de S. Freud no qual a sociedade é objeto específico de análise é *A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna*, de 1908. Mas a primeira vez que o debate entre indivíduo e sociedade aparece em sua obra é no *Rascunho N*, anexado a uma carta que enviou a seu amigo Wilhelm Fliess, no dia 31 de maio de 1897. No momento em que se preocupava com a interpretação dos sonhos, com a descoberta do Complexo de Édipo e com os mecanismos de defesa, a discussão sobre a tensão entre a esfera da sexualidade e a esfera social se apresenta na discussão sobre o sacrifício que os indivíduos devem fazer de uma parcela de suas liberdades individuais. O incesto enquanto significante de uma relação total e impossível já mostra aqui, muito tempo antes de *Totem e Tabu*, que a sustentação dos laços sociais se faz através de proibições. Essa primeira hipótese permanece no pensamento freudiano como uma direção: “o incesto é antissocial, e a cultura

consiste na progressiva renúncia ao mesmo”. Freud já aponta para um lugar de conflito com o laço social: “o contrário é o super-homem” (1897/2003, p. 3575).

Freud estabelece, já em 1897, que a civilização está fundamentada na repetição do sacrifício que o indivíduo e a sociedade devem fazer. A civilização não é um estado, não está pronta nem acabada, mas um processo em constante trabalho de recalçamento da tendência ao rompimento dos laços sociais. O incesto ao qual Freud se refere não é apenas a causa das neuroses, mas de todo ato que ultrapassa a esfera das proibições sociais. Qualquer que seja o fenômeno, se nele encontramos uma tendência a reeditar essa interdição, isso posiciona o indivíduo como “antissocial”.

O que está em questão, portanto, nesse primeiro debate freudiano sobre a relação do indivíduo com a civilização, é a insistência da inscrição de uma proibição que estrutura e organiza os laços sociais. Freud começa o texto *A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa moderna* apresentando possíveis fatores da vida civilizada que podem produzir o aumento das doenças nervosas: as grandes descobertas; o aumento das necessidades individuais; a busca pela realização imediata do prazer; o luxo que pode ser acedido por uma quantidade maior de pessoas; o desenvolvimento das telecomunicações; tudo é pressa e agitação; as pessoas participam mais das atividades políticas; a vida urbana cada vez mais insegura; a desvalorização dos princípios éticos. O teatro, as artes plásticas e a música, que se tornaram mais agitadas e mais barulhentas, são mudanças da modernidade que levaram ao aumento das doenças neuróticas. Tudo isso, porém, não pode ser considerado causa das neuroses se não estiver em relação ao fator da economia das pulsões. Todos esses acontecimentos exigem dos homens maior gasto de energia, são feitos “à custa do sistema nervoso” e pelo esforço psíquico para responder à crescente exigência que a sociedade realiza sobre os indivíduos.

Na sequência desta discussão, S. Freud identifica certas figuras que encarnam o incestuoso. São personagens que se reiteram em sua obra como “não-inscritos”, alijados dos laços sociais. Mas em função da dependência do contexto, podem ser reposicionados sob diferentes denominações: como louco, super-homem ou forada-lei. Vale lembrar que Elias, em *O processo civilizador*, afirma que “a criança que não atinge um nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como ‘doente’, ‘anormal’, ‘criminosa’ ou simplesmente ‘insuportável’, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe” (1939/1990, p. 146), o que significa que o modo como esses traços de personalidade são significados varia de acordo com a transformação dos modelos históricos da formação afetiva.

A conclusão do texto de S. Freud de 1908, fundamental para sustentar o desenvolvimento de uma teoria sobre a relação entre as estruturas psicopatológicas e a sociedade, aponta para um profundo impossível de conviver. Assim, Freud conclui com a seguinte afirmação: “as neuroses (...) sempre conseguem frustrar os objetivos

da civilização” (1908/2003, p. 1261). Indivíduo e sociedade, neurose e civilização, para a psicanálise freudiana não são termos separados um do outro, mas em constante relação conflituosa. A neurose não é apenas uma doença psíquica, mas o sintoma do processo civilizador.

Toda a psicologia individual é também uma psicologia social, afirmava Freud (1921/2003). Mas essa ideia, que se reitera ao longo de seu pensamento, só pode ser verdadeira na medida em que ambas compartilham um elemento em comum. Já em *O interesse científico da psicanálise*, de 1913, encontramos uma primeira formulação sobre os fundamentos que sustentam um primeiro esboço da teoria psicanalítica da sociedade. “A psicanálise”, nos diz Freud, “estabelece uma íntima relação entre essas realizações do indivíduo e da sociedade ao postular para ambos a mesma fonte dinâmica” (1913a/2003, p. 1864). Trata-se de uma ideia que vai fundamentar a teoria freudiana da imbricação entre indivíduo e sociedade, segundo a qual os laços sociais são formados por identificações, traços das primeiras ligações entre as pessoas.

Assim, assumindo que o corpo, enquanto sede das pulsões e origem das identificações, é o elemento articulador entre as estruturas psíquicas e as estruturas sociais, a psicanálise se coloca na direção de pensá-las em uma relação em constante batalha. Nos laços sociais também são encontrados elementos eróticos, que, ao sofrerem a força do recalçamento, manifestam-se nos sintomas das instituições sociais. As estruturas sociais formam-se como um resto da impossibilidade de o indivíduo se estar em harmonia nos laços sociais. Nesse sentido, na formação dos sintomas psíquicos e na formação das instituições sociais, encontram-se processos inconscientes que não conseguiram fazer-se representar.

Como podemos ler no texto *Porque a guerra?* (1932/2003), carta de Sigmund Freud endereçada a Albert Einstein, através da formação das instituições sociais, como a família, a sociedade e o Estado, os indivíduos se sentem protegidos da violência das relações humanas e de sua própria violência interiorizada na forma de conflitos psíquicos. Nessa carta a Einstein, Freud fala da guerra e do modo de gerir os conflitos e a violência psíquica que os indivíduos exercem uns contra os outros. Trata-se de uma teoria que se aproxima fortemente da tese sobre o processo civilizador de Norbert Elias. A violência psíquica é neutralizada pela apropriação de armas que servem para a intimidação e para a coerção, depois, ela é substituída pelo direito e pela justiça, o poder de uma comunidade segundo Freud. A violência sobre os indivíduos se transforma simbolicamente em lei à medida que ela se torna um modo de os Estados protegerem e impedirem os indivíduos de terem recurso eles mesmos à violência.

Cada indivíduo deveria renunciar o seu poder e transferi-lo para o Estado. Da mesma forma, também cada Estado, por sua vez, deveria renunciar seu poder para a Liga das Nações, conforme Freud reitera a Einstein. Assim, o psicanalista vê a

civilização como um processo que tende a reduzir ou, ao menos, a controlar os efeitos da pulsão de morte. “Já vimos que uma comunidade se mantém unida por duas coisas: a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais (identificações é o nome técnico) entre seus membros” (Freud, 1932/2003, p. 1754). Da mesma forma que o processo civilizador de N. Elias, S. Freud oferece um prolongamento das teses weberianas relativas à monopolização da violência pelo Estado e à pacificação da sociedade.

Tanto as instituições sociais quanto os sintomas psíquicos são formações do inconsciente, análogos um ao outro, na medida em que se constituíram através do processo de recalçamento. “As neuroses”, nos diz Freud, “mostraram ser tentativas de resolver individualmente os problemas da compreensão dos desejos insatisfeitos, que deveriam ser resolvidos socialmente pelas instituições” (Freud, 1913a/2003, p. 1864). A analogia entre um sintoma neurótico e uma instituição social – como a cultura, a religião e a moralidade – se justifica pelas neuroses serem estruturas da personalidade que tentam realizar através de meios singulares o que não pode ser realizado coletivamente. No efeito do processo civilizador de separação entre indivíduo e sociedade, a neurose é uma resposta ao conflito social que foi psiquicamente internalizado.

CONCLUSÃO

Mesmo que Freud aponte textos como *Totem e tabu* e *Psicologia das massas e análise do eu* como suas tentativas de enlaçar mais estreitamente a psicologia social e a psicologia individual, compreendemos que a obra freudiana como um todo não está afastada dos processos sociais. Nesse sentido, é impossível preservar a separação entre os textos freudianos clínicos dos sociais. Em *Totem e tabu*, por exemplo, ele afirma a existência de uma “mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo” (Freud, 1913b/2003, p. 1848). Uma continuidade descontínua entre o que é mundo interno e mundo externo, entre o que é indivíduo e sociedade, entre o que é próprio e alheio. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, sua hipótese fundamental é que “as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva” (1921/2003, p. 2099). Nesse sentido, S. Freud recupera a ideia segundo a qual as pulsões recalçadas são direcionadas para a edificação da civilização, uma coletividade formada a partir dos processos inconscientes. As instituições sociais, portanto, carregam consigo impulsos de ligação e de destruição, amores e ódios, os obscuros não-ditos, causas do mal-estar da civilização.

Sigmund Freud encerra o texto *Psicologia das massas e análise do eu* reafirmando que a neurose expõe que, em nossa época, a balança entre o indivíduo e a sociedade, tal como Elias reiterou fortemente (1987a/1994), pendeu para o lado do primeiro: “Abandonado a si mesmo, o neurótico se vê obrigado a substituir as grandes formações coletivas de que se achava excluído. Ele cria seu próprio mundo de imaginação, sua religião e seu delírio” (1921/2003, p. 2609). E, na compreensão da possibilidade de apaziguamento dos conflitos entre indivíduo e sociedade, ele conclui: “sempre que se manifestam tendências à formação coletiva se atenuam ou mesmo desaparecem os sintomas neuróticos” (1921/2003, p. 2608).

Com S. Freud e N. Elias, pensamos que a relação entre indivíduo e sociedade não está fundada em uma lógica da exclusão. As estruturas psíquicas e as estruturas sociais são formações sintomáticas análogas entre si. E o corpo se mostra como o elemento articulador entre as duas estruturas, na medida em que é ele que sofre os efeitos do recalçamento. O processo civilizador, segundo o pensamento de Elias, conduz as estruturas sociais à maior diferenciação dos indivíduos, ao aumento da rede de relações e à maior interdependência entre seus membros. Em sociedades cujas relações sociais são mais regulares, mais estáveis e mais indiferenciadas, o indivíduo parece ser menos comprometido com seus sintomas psíquicos. O processo civilizador, porém, não se realiza sem a produção de restos, de formação de sintomas. Lembrando o que Elias afirma, em sua obra tardia, *Os alemães: “a civilização a que me refiro nunca está completa, e está sempre ameaçada”* (1989/1997, p. 161).

REFERÊNCIAS

- Delzescaux, S. (2001). *Norbert Elias: une sociologie des processus*, Paris: L'Harmattan.
- Delzescaux, S. (2007). Autocontrainte et instance surmoïque: éléments de réflexion sur la référence d'Elias à la psychanalyse freudienne. *Nouvelle revue de psychosociologie*, 4,(2), 201-212. doi:10.3917/nrp.004.0201.
- Delzescaux, S. (2016). *Norbert Elias: distinction, conscience et violence*. Paris: Armand Colin.
- Elias, N. (1990). *O processo civilizador: uma história dos costumes* (Vol. 1) (Ruy Jungmann, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1939).
- Elias, N. (1993). *O processo civilizador: formação do Estado e civilização* (Vol. 2) (Ruy Jungmann, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1939).
- Elias, N. (1994). Mudanças na Balança Nós-Eu. In N. Elias, *A sociedade dos indivíduos* (pp. 127-193) (Vera Riberio, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1987a).
- Elias, N. (1994). A sociedade dos indivíduos. In N. Elias, *A sociedade dos indivíduos* (pp. 11-60) (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1987b).
- Elias, N. (1996). *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte* (Pedro Susseking, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1969).

- Elias, N. (1997). *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* (Álvaro Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1989).
- Elias, N. (1998). *Envolvimento e alienação* (Álvaro de Sá, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (Obra original publicada em 1983).
- Elias, N. (2000). Norbert Elias ou la sociologie des continuités. (Roger Chartier, Trad.). *Labyrinthe*, 5, 89-95. doi: 10.4000/labyrinthe.273 (Obra original publicada em 1985).
- Elias, N. (2001). *Norbert Elias por ele mesmo* (André Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Obra original publicada em 1990).
- Elias, N. (2010). Le concept freudien de société et au-delà. In M. Joly (Ed.), *Au-delà de Freud. Sociologie, psychologie, psychanalyse* (pp. 131-186). Paris: La découverte (Obra original publicada em 1990).
- Elias, N. (2016). *J'ai suivi mon propre chemin*. (Antony Burlaud, Trad.). Paris: Les éditions sociales.
- Elias, N., & Dunning, E. (1985). *A busca de excitação*. (Maria Manuela Almeida e Silva, Trad.). Lisboa: Difel.
- Freud, S. (2003). Manuscrito N. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 3) (pp. 3373-3575). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1897).
- Freud, S. (2003). Mis opiniones acerca del rol de la sexualidad en la etiología de la neuroses. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 2) (pp. 1238-1243). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1906).
- Freud, S. (2003). La moral sexual “cultural” y la nervosidad moderna. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 2) (pp.1249-1261). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (2003). Sobre las causas ocasionales de la neuroses. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 2) (pp. 1718-1722). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (2003). Multiple interes del psicoanalysis. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 2) (pp.1851-1868). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1913a).
- Freud, S. (2003). Totem y tabu. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 2) (pp.1745-1850). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1913b).
- Freud, S. (2003). La represion. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 2) (pp. 2053-2060). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2003). Psicologia de las masas y analisis del “yo”. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 3) (pp. 2563-2611). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (2003). El “yo” y el “ello”. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 3) (pp. 2701-2729). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2003). El porqué de la guerra. In *Obras Completas de Sigmund Freud* (Luís Lopez-Ballesteros y de Torres, Ed. e Trad.) (Vol. 3) (pp. 3207-3215). Madrid: Biblioteca Nueva (Obra original publicada em 1932).
- Heinich, N. (2001). *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru, SP: Edusc.
- Joly, M. (2012). *Devenir Norbert Elias. Histoire croisée d'un processus de reconnaissance scientifique: la réception française*. Paris: Fayard.

- Joly, M. (2016). Présentation. In N. Elias, *La dynamique sociale de la conscience. Sociologie de la connaissance et des sciences* (pp. 37-66). Paris: La découverte.
- Lahire, B. (2012). Freud, Elias et la science de l'homme. In M. Joly (Ed.), *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse* (pp. 187-214). Paris: La Découverte.
- Landini, T. (2006). A sociologia de Norbert Elias. *Bib: Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais*, 61, 91-108.
- Marx, K. (2013). *O capital: Crítica da economia política, livro I: O processo de produção do capital* (Rubens Enderle, Trad.). São Paulo: Boitempo (Obra original publicada em 1867).
- Mennell, S. (1998). *Norbert Elias: an introduction*. Dublin: University College Dublin Press.
- Waizbort, L. (1998). Norbert Elias & Walter Benjamin: correspondência completa (1938). *Plural: revista de ciências sociais*, 5, 176-184.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo* (José Marcos de Macedo, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1905).